

NO AVESSE DA COMUNICAÇÃO – Para uma Ética do Dizer

Glória Sadala¹

Resumo:

A proposta do trabalho é uma interlocução entre a Comunicação e a Psicanálise, considerando principalmente os fenômenos presentes na comunicação contemporânea.

Diante do novo contexto da comunicação, o regime do virtual e do tecnológico, a psicanálise recoloca a importância da inclusão do sujeito e seu desejo para que não haja um deslocamento radical do “fazer saber” para a ação comum do “saber usar”.

A partir da ética do desejo, propomos uma ética do dizer que balize os atos dos sujeitos, contribuindo para os impasses no mundo contemporâneo.

Proponho neste trabalho uma interlocução entre a comunicação e a psicanálise, considerando principalmente os fenômenos presentes na comunicação contemporânea.

Ao lado de todo o progresso e benefícios propiciados, observamos que a comunicação na contemporaneidade tem contribuído para um apagamento do desejo, dificultando, assim, os atos do sujeito referentes às transformações em si próprio e, provavelmente, no campo social.

A psicanálise, possuindo um poder de transformação, especialmente por atribuir à palavra um estatuto de ato, permite uma análise a respeito dos possíveis efeitos da comunicação contemporânea sobre os sujeitos.

Fala-se em “doenças da vida contemporânea”, aponta-se um “mal estar da globalização”, um “impacto da globalização nas subjetividades”. Por um lado, discute-se fenômenos da comunicação contemporânea, por outro convoca-se a psicanálise para se pronunciar a respeito dos sintomas contemporâneos. Portanto, é evidente a pertinência e a necessidade de discutirmos publicamente a prática psicanalítica, colocando a psicanálise em conexão com a realidade social. É fundamental darmos

¹ **Psicanalista – Doutora ECO / UFRJ**

Coordenadora do Curso de Psicologia da Universidade Veiga de Almeida

um testemunho do poder transformador da psicanálise. Esta que fundou-se pelo ato de Freud, ao inventá-la como talking cure. Esta que se constitui como um novo discurso revolucionário no dizer do Professor Carneiro Leão. Esta que é uma teoria e uma prática social significativas na contemporaneidade.

A comunicação contemporânea, de modo geral, se estabelece em função do discurso da ciência, da tecnologia e do capitalismo. As inovações constante, o progresso acelerado, o excesso e a indução ao consumo de informações levam o sujeito a viver no imediatismo, na pressa e na transitoriedade. Com isso, esquece-se de questões fundamentais, como seu desejo e o sentido particular de sua vida. Podemos atribuir a certos aspectos da comunicação contemporânea, especialmente a mídia e ao consumo, um estatuto de parceiros nos sintomas contemporâneos. Nomeamos a mídia como “o sofista de novo milênio”, por fazer da palavra apenas um instrumento de convencimento. Buscando incessantemente obter notícias, informações, bens ou mercadorias, o sujeito passa a querer ter para ser. O consumo pode transformar os sujeitos numa massa amorfa e, seduzidos pela ilusão, passam a viver segundo os ideais que a mídia veicula. Esta não dá acesso a nenhum significado revelador, a nenhuma verdade fundamental. Aliás, isto não parece constituir objetivo da comunicação contemporânea. E, assim, a vida pode vir a se constituir de valores estranhos ao campo do desejo do sujeito, havendo um consumo de sua própria subjetividade.

Em seu texto “o mal estar na cultura” (1930), Freud aponta fontes de constante sofrimento para o homem: a hiperpotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a infelicidade provocada pelas relações que mantemos com os nossos semelhantes. Eis Freud antevendo um mal estar inerente à comunicação. Constatamos que a ciência, a tecnologia e o progresso não trouxeram a felicidade almejada. Há uma série de decepções que persiste. Copérnico reduziu nosso planeta a um satélite do sol; Darwin nos incluiu na família dos chimpanzés; Freud desvelou que o homem é senhor de seus atos e, recentemente, os geneticistas descobriram que só temos duas vezes mais genes que as moscas e os vermes.

Os sintomas que marcam a contemporaneidade, expressos na compulsividade, na depressão, no excesso, na voracidade e no imediatismo, traduzem um fracasso do poder da civilização para domesticar as pulsões. Aí, onde a princípio se vê um fracasso, a psicanálise vê uma vitória da verdade, o que já nos mostra o olhar pelo

avesso da psicanálise, considerando que o fracasso, o erro, o tropeço, a falha apontam para algo de uma verdade.

Uma interlocução entre psicanálise e comunicação pode ser útil no sentido de desvelar o que fica oculto na comunicação contemporânea, a qual é baseada numa lógica do todo, em cujo discurso aparece foracluído o erro, o vazio, o sujeito e seu desejo.

Sfez, crítico da comunicação contemporânea, criou o neologismo “tantismo” para caracterizá-la. Tantismo condena as idéias de totalidade, totalitarismo, tantologia e autismo. Cabe ao sujeito retornar a sua possibilidade de criação e invenção, o que é possível com a reconquista de seu ato, o qual pode ter lugar na fala. Esta é a proposta da psicanálise, a partir de seu olhar pelo avesso, frente aos riscos da comunicação contemporânea.

Avesso vem do latim “adversu” e significa contrário, inverso, oposto, a parte oposta a principal, reverso, o que há de oculto, erro, defeito.

Invocamos Platão e observamos que a dialética por ele utilizada em seus Diálogos, faz do contrário um meio de se chegar à descoberta da verdade. Utilizando-se dos contrários, Platão nos mostra o trânsito da palavra pelas vias do engano e da verdade. Esta vestimenta de verdade enganosa propiciada pela linguagem, tão bem identificada por Platão, ressurge na psicanálise através do fenômeno da transferência, o que nos leva a nomeá-la como um amor pelo avesso.

Heidegger, considerando a linguagem um meio privilegiado de acesso ao ser, evidência a dimensão de ocultação, o que coloca o avesso como lugar de re-velação. Para ele, a linguagem é o lugar onde a verdade se apresenta ou se esconde. A linguagem é a morada do ser. Buscando o que há de oculto na linguagem, Heidegger nos aponta o movimento de re-velar, próprio da linguagem. Esta permanente onde de velar e revelar, nos recônditos do ser.

As palavras, em suas vertentes de engano e verdade, de remédio e veneno, acompanham o movimento da pulsão. As palavras são um testemunho da dualidade pulsional, são expressão desse jogo de vida e morte. Como dizia Affonso Romano de Sant’Anna, as palavras nos alimentam e nos matam e, como os produtos de uma farmácia, são drogas que podem matar ou curar.

O conceito de pulsão pode ser qualificado como um conceito aberto, aponta para a virtualidade numa concepção atual. Sendo indeterminada, sua ordenação é produto do trabalho do aparelho psíquico. O funcionamento da linguagem é suporte para a pulsão se fazer conhecer.

A palavra toca no que há de mais singular e inédito, tanto na psicanálise como no sujeito: a pulsão. Se se aceita que a comunicação na contemporaneidade não considera e até mesmo abafa, pela voz da mídia e do consumo, aquilo que é mais genuíno no sujeito, é justamente por não considerar a sua dimensão desejante que, em última análise, advém do campo pulsional. Introduzir os conceitos de pulsão e desejo na área de comunicação é propor o desafio de reencontrar o humano nas novas tecnologias da atualidade.

A falta propicia um retorno que diz respeito à fundação, à constituição. É neste sentido que faz resistência à tirania da comunicação contemporânea que, pelo excesso e homogeneização, apassiva o sujeito sem lhe dar possibilidade de transformação.

Seguindo o fio da fala, o psicanalista é um escultor da palavra. Sua função é desnudar a palavra de sua função encobridora, tentando encontrar algo da verdade do sujeito. Em 1905, Freud comparou a psicanálise à escultura e o escultor é aquele que atua com atos, tirando da pedra tudo o que recobre as formas da estátua nela contidas. O estatuto da palavra como ato é uma contribuição da psicanálise para o campo da comunicação, no sentido de provocá-la a pensar em seu avesso e, quem sabe, buscar uma maneira de incluir o sujeito e seu desejo em seu campo de ação.

Na concepção de Aristóteles, o ato está sempre referido à potência. Há um movimento que garante a passagem de um a outro. Esta passagem requer um tempo. Num paralelo com a psicanálise, evocamos a escuta atenta, as repetições que antecedem a um ato. Esta demora que a psicanálise requer está em oposição ao imediatismo e à avalanche de informações que a ciência e a tecnologia impõem ao sujeito e nisto submerso, não pode em ato se fazer surgir.

Austin, filósofo inglês, concebe a linguagem como uma forma de ação e não uma mera representação da realidade. Performativo é o neologismo por ele criado para designar um ato de fala que não corresponde a descrever ou relatar algo.

Corresponde a fazer. É o dizer como um fazer. A psicanálise e a teoria dos atos de fala de Austin buscam o bem-dizer na direção do desejo do sujeito.

Embora escape ao sujeito a causa de seu ato, ao assumir suas conseqüências, aceita-o como um fazer de seu desejo. O ato promove uma transformação passível de ser verificada pelo sujeito. Representa a possibilidade de se efetuar marcas no real, efetuar um furo na totalização da comunicação contemporânea.

Esta totalização, evidenciada na globalização, se refere a um excesso de informação, num mínimo de tempo, numa redução das distâncias. É um excesso de eficiência, talvez como resposta ao empuxo de nossa civilização de não parar, sempre avante, escalar novos degraus.

As formas atuais de comunicação pretendem a completude: informar tudo, a todos, a todo o momento. É a miragem do todo, do completo, que se coloca no deserto solitário do sujeito que está em busca daquilo que lhe falta.

A psicanálise acolhe os restos, as sobras, aquilo que não é assimilável e retorna ao sujeito para alguma metabolização. São os sintomas contemporâneos que a ciência não consegue explicar, a tecnologia não tem como tratar e a comunicação é impotente para silenciar.

Para fazer saber – que é o sentido primeiro da comunicação – não se pode excluir o sujeito e o seu desejo.

Na medida em que a comunicação casou-se com a tecnologia, tende a divorciar-se da palavra. E da comum ação para fazer saber passa-se à ação comum de saber usar. É preciso garantir o lugar da fala, retornando à palavra não apenas para representar, mas para agir e fazer.

A possibilidade de novas formas de conhecimento, a diversificação dos tipos de contato e os diferentes materiais disponibilizados pela comunicação contemporânea constituem, sem dúvida, fonte de desenvolvimento para os sujeitos. Reconhecemos todos esses benefícios, mas é preciso analisar as conseqüências e os riscos diante deste novo contexto, o regime do virtual e do tecnológico.

Se na contemporaneidade se pretende, de modo geral, a totalização da completude, resta ao sujeito, o avesso. É pelo avesso que se encontra com a força da pulsão e o vigor do desejo.

A contemporaneidade demanda uma ética que atenda às novas formas de comunicação, cujos efeitos se situam muito além de nossas interações quotidianas. E, neste ponto, a psicanálise oferece uma contribuição. Propõe a ética do desejo como sustentação para uma ética do dizer.

No avesso da comunicação, descortina-se, então, um ponto no horizonte – uma ética do dizer – que balize os atos do sujeito, contribuindo para o impasse que se criam no mundo contemporâneo.